

O consumo do espaço nas cidades de Aparecida, Campos do Jordão e São Luis do Paraitinga

Patrícia Castello Bucioli¹

Resumo: O seguinte trabalho teve como objetivo analisar a atividade turística nas cidades de Aparecida, Campos do Jordão e São Luis do Paraitinga, relacionando com os aspectos geográficos voltados à caracterização física do território, ao consumo do espaço e território turístico de maneira avaliar as semelhanças e diferenças entre a maneira com a qual as cidade se desenvolveram associadas à atividade turística.

Palavras- chave: Turismo. Território físico. Aparecida (SP). Campos do Jordão (SP). São Luis do Paraitinga.

1. Introdução

Considerada uma das mais importantes regiões em âmbito nacional por seu passado histórico, o Vale do Paraíba se desenvolveu por ser um eixo de ligação entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, centros urbanos de grande importância nacional. Possui uma das mais importantes bacias hidrográficas do país, chegando a representar 6% da região Sudeste, e centrado na figura do Rio Paraíba do Sul cujo nome foi dado à região devido seu posicionamento entre as Serras do Mar e da Mantiqueira. Ao longo desta bacia hidrográfica estão localizados os 35 municípios da região, entre eles os citados neste trabalho.

O potencial turístico desta região está ligado ao seu patrimônio histórico-cultural representado principalmente pela arquitetura, artes plásticas e manuais, e, pelas manifestações ligadas a religiosidade e à cultura caipira. A atividade turística é incentivada na região por ser entendida como um modelo econômico sustentável, interpretada pelos planejadores como uma possibilidade de preservação das singularidades e valores culturais da região.

Contudo, a partir desta informação, até que ponto afirmar que o turismo pode colaborar com a preservação do patrimônio destas cidades é seguro, já que, adotando a afirmação de Serrano (2000).

¹ Graduação - Universidade Federal de São Carlos. E-mail: pat_castell@yahoo.com.br.

“Tendo em conta que a problemática ambiental coloca em destaque a questão do espaço, do território, da paisagem, a atividade turística aparece como aquela que apenas “consume” paisagem/espaço/território, sem, aparentemente, “destruir” esses lugares, o que justificam colocá-la como sustentável. Contudo, essa atividade produz territórios, da mesma forma como todas as demais atividades do modo industrial de produzir mercadorias e, em sua essência, é insustentável.”

2. Caracterização Histórica do Vale do Paraíba.

O início da ocupação das terras do Vale do Paraíba está fortemente ligada à rota feita pelos bandeirantes entre São Paulo e Minas Gerais na busca por ouro. Com a percepção desta população circulante da fertilidade da terra e possibilidade de subsistência, o local passou a ser povoado, sendo que, após a queda da produção aurífera, a monocultura açucareira começou a dominar a região. Como ressalta Setúbal (2004):

“ Antes da expansão canavieira do século XVIII, o Vale do Paraíba conhecia um tráfego intenso, sobretudo de tropeiros devido a sua relativa proximidade com as áreas de garimpo., a região guardava os caminhos daqueles que iam para do sul para as Minas, e também do escoamento de ouro até Ubatuba e Parati. (...). Antes do açúcar, encontravam-se ali pequenas propriedades, nas quais famílias praticavam lavouras para subsistência, criavam porcos, e vendiam excedentes em comércio de beira de estrada, aproveitando a passagem regular de mineiros e tropas. (...)A partir do século 1776 a lavoura canavieira alterou este quadro. A posse de terra ganhou novas e maiores proporções, instituindo a grande propriedade, por vezes o latifúndio, que no entanto só se tornaria predominante com a chegada do café. Os senhores de engenho enriquecidos formaram uma nova classe econômica, que, por volta de 1808, quando o preço do açúcar caiu, reverteu seus lucros e escravos na lavoura cafeeira em expansão. (...) Isso significa, uma organização econômica baseada na grande propriedade, no cultivo de gênero exportável e na mão de obra escrava.”

Com o declínio da monocultura de açúcar, a população começou a se moldar de acordo com os modos de produção cafeeira, de maneira em que seu território físico ainda se

apresentava em condições de produzir em larga escala. O início da decadência da economia cafeeira no vale do paraíba se deu, segundo Setúbal (2004):

“A ferrovia chega tardiamente no vale do paraíba, já quando os solos começam a apresentar sinais de esgotamento. (...) os lucros obtidos com o café eram aplicados em comércio no Rio de Janeiro e Europa, e, principalmente na aquisição de escravos, e não com o transporte. (...) Em 1894, o porto de Santos supera pela primeira vez o do Rio de Janeiro em exportação de café. O vale do paraíba entra em decadência econômica e muitos fazendeiros deixam a região para abrir novas fazendas na região oeste e noroeste do estado de São Paulo, mais produtivas e utilizando em larga escala de mão de obra imigrante.”

Com o fim do ciclo cafeeiro, os habitantes passaram a se dedicar a culturas de subsistência, principalmente cereais, e no século XX com a pecuária leiteira.

Ao mesmo tempo, ainda no começo do século XX, o fim do ciclo do café deu início ao processo de industrialização, na medida em que a região começou a refletir a condição sócio-econômica do país, com a abolição da escravatura, a disponibilidade de capital e melhoria no nível de consumo da população. Além disto, a região se situa entre os maiores centros produtores e consumidores, São Paulo e Rio de Janeiro, e as facilidades de comunicação e transporte (com a implantação da Ferrovia Central do Brasil), representaram os fatores primordiais para a atração de pequenas indústrias para o Vale. O segundo período de crescimento industrial ocorreu no período entre guerras, com o estímulo do governo à uma produção nacional, e finalmente, o terceiro período é atual, com a construção da Siderúrgica de Volta Redonda e inauguração da Rodovia Presidente Dutra.

2.1 Particularidades Históricas das Cidades Estudadas.

A cidade de Aparecida possui uma particularidade em seu processo de formação, por ter um caráter religioso. A região onde está localizada está inserida no contexto da passagem de tropeiros, mas sua povoação começou quando dois pescadores, Domingos Garcia e Felipe Barroso, ao realizar o seu trabalho pescaram o corpo da imagem de Nossa Senhora Aparecida, e logo após, na segunda vez em que lançaram a rede ao rio, pescaram a cabeça correspondente à imagem. Em consideração à Santa cuja imagem foi remontada, os pescadores montaram

uma capela em 1745 próxima ao rio onde a situação ocorreu e a batizaram com o nome de Morro dos Coqueiros, hoje conhecida como “Basílica Velha”.

Com relação a Campos do Jordão, o sertanista Gaspar Vaz da Cunha, em passagem em direção as minas de ouro de Itajibá, identificou o local como ideal para seu repouso e passou a criar vínculos com a região. Em 1771, Inácio Caetano de Carvalho, seguindo o exemplo de Cunha, fixou-se no pico do Itapeva, fundando a fazenda Bom Sucesso, que obteve do Governador da Capitania de São Paulo a carta de sesmaria. Com a sua morte em 1823, seus herdeiros hipotecaram a fazenda, que foi adquirida pelo Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, origem do nome da cidade. O conjunto de sesmarias, porém, só veio a se tornar uma vila, quando um português Matheus da Costa Pinto, comprou as terras do Brigadeiro e montou um pequeno comércio, uma pensão e um pouso para forasteiros, além de edificar a primeira capela e escola da região. O estopim para a elevação da vila à município, foi o estabelecimento de uma ferrovia, a E. F. Campos do Jordão que uniu esta parte do território, ao resto do Vale do Paraíba, trazendo desenvolvimento econômico e conseqüente elevação à município.

E, por fim, São Luís do Paraitinga, também data do período de penetração dos bandeirantes para o interior do país. Em razão deste grande fluxo na região o Capitão Vieira da Cunha e João Sobrinho de Moraes alegaram pretender povoar a região dos sertões de Paraitinga, assim sendo, receberam terras para sesmarias do Capitão de Taubaté, Felipe Carneiro de Alcaçouva e Souza, que através de um requerimento apresentado ao governador da Capitania, conseguiu várias terras para povoadores entre Taubaté e Ubatuba, junto ao rio Paraitinga. Assim concedida a sesmaria em 2 de Maio de 1769 a povoação passou a ser chamada de São Luis e Santo Antonio do Paraitinga. A mudança de novos habitantes para a sesmaria não demorou muito a acontecer, devido a já citada rota dos bandeirantes, e este fluxo só aumentou com a elevação da sesmaria para Vila em 1773, e posteriormente à cidade em 30 de Abril de 1857, recebendo o título de “Imperial Cidade de São Luis do Paraitinga” em 11 de Junho do mesmo ano.

3. Características Físicas

O Vale do Paraíba está localizado no fundo de uma depressão tectônica ao longo da base da Serra da Mantiqueira. Sua formação geológica está relacionada à formação da Serra do Mar e Serra da Mantiqueira, que em conjunto formam o degrau do planalto brasileiro,

caracterizando-se por uma escarpa cujos desníveis excedem 2000 metros, possuindo seu trecho mais contínuo localizado perto do médio Paraíba. Os rios se adaptaram a formação, erodindo as rochas menos resistentes atravessando os leitos rochosos mais compactos por gargantas apertadas. Segundo Ross (2005):

“Os planaltos e serra do atlântico leste-sudeste, que se associam ao cinturão do atlântico, são de maior grau de complexidade. Sua gênese vinculada a vários ciclos de dobramentos acompanhados de metamorfismos regionais, falhamentos e extensas intrusões. As diversas fases orogênicas do Pré-cambriano foram sucedidas por ciclos de erosão. O processo epirogenético pós-cretáceo que durou pelo menos até o Terceário Médio, gerou o soerguimento da plataforma sul americana, reativou os falhamentos antigos e produziu escarpas acentuadas, como as da Serra da Mantiqueira e Serra do Mar, e fossas tectônicas, como as do médio vale do Paraíba do Sul. Nessa unidade incluem-se, além das áreas planálticas da faixa que acompanha o litoral delimitado por escarpas, a extensa serra do espinhaço, que abrange os terrenos desde as proximidades de Belo Horizonte (MG) até o médio do vale do rio São Francisco na Bahia. O modelado dominante do planalto atlântico é constituído por morros com formas de topos convexos, elevada densidade de canais de drenagem e vales profundos. É a área definida por Ab’Saber como “domínio dos mares de morros”. “

O clima da região é caracterizado em parte como tropical e em parte subtropical quente, com verões chuvosos e invernos secos. A região está sujeita a forte radiação solar devido sua localização, o que estimula a evaporação de grandes massas líquidas, formando chuvas que se tornam freqüentes, além de manter a umidade relativa do ar superior a 70%. A região também conhecida por seus recursos hídricos, tem suas origens no rio Paraitinga e Paraibuna que afloram das bordas rebaixadas da Serra da Mantiqueira. A posição relativa de seus rios, a influência da massa equatorial carregada de umidade e elevadas altitudes fazem com que a precipitação sobrepuje a evaporação.

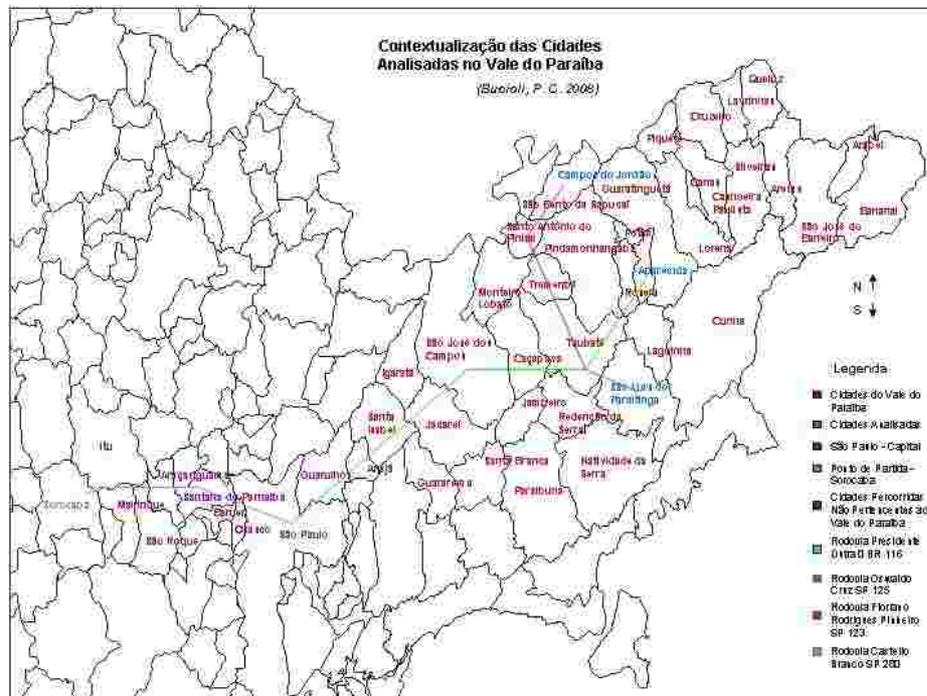
A paisagem natural do Vale do Paraíba está em grande parte prejudicada devido a ação do homem. As terras estão sendo usadas para pastagens na parte interior rerepresentando um quadro completamente modificado de sua configuração original; o ato predatório das queimadas faz com que, além da vegetação ser destruída, que as águas dos rios mudem seus

sistemas naturais e cursos, chegando aos rios pesadas e barrentas devido aos sedimentos. Em sua origem, a Mata Atlântica, representava um importante recurso natural do Vale do Paraíba, hoje possuindo pequenos focos de conservação relativos as suas áreas originais, predominantes na Serra do Mar, destacando a Unidade de Conservação denominada “Parque Estadual da Serra do Mar” que protege a Mata Atlântica presente em todo o litoral paulista.

Por fim, é necessário citar a característica predominante nesta região, que são as formações geológicas denominadas mares de morros. Segundo Ab’Saber (2003):

“A área core do domínio morfoclimático tropical atlântico, cujo protótipo é encontrado nos “mares de morros” florestados do Brasil de Sudeste, apresenta a seguinte combinação de fatos fisiológicos: decomposição funda e universal das rochas cristalinas ou cristalofilianas, de 3 a 5 até 40 a 60 metros de profundidade; presença de solos do tipo latossolo ou red yellow podzolic; superposição de solo devido às flutuações climáticas finais do quaternário em sertões sincopados; mamelonização universal das vertentes, desde o nível dos morros altos até os níveis dos morros intermediários e patamares de relevo; drenagem originalmente perene até pata o menor dos ramos das redes hidrográficas dendríticas regionais; lençol d’água subterrâneo que alimenta permanentemente, durante e entre as chuvas, a correnteza dos leitos dos cursos d’água; cobertura florestal contínua na paisagem primária desde o fundo dos vales até as mais altas vertentes e interflúvios, desde poucos metros acima do nível do mar até os espigões divisores situados entre 100 e 1100 metros de altura; lençol d’água superficial de tipo difuso, anastomosado, correndo pelo chão da floresta durante as chuvas e redistribuindo detritos finos e restos vegetais serrapilheiras, com formação de horizontes (...), pouquíssima incidência de raios solares diretamente no chão da floresta; forte cota de umidade no ar; equilíbrio sutil entre processos morfoclimáticos, pedológicos, hidrológicos e ecossistêmico”

4. Acessibilidade



Este mapa representa as posições dos municípios estudados no Vale do Paraíba, as rodovias de acessos utilizada neste estudo, ressaltando que a posição dos tracejados das rodovias não representa seu real posicionamento dentro dos municípios, apenas estão representando o caminho percorrido.

Com relação a conservação destas estradas, Aziz Ab'Saber discorre:

“O domínio dos mares de morros é o meio físico mais complexo e difícil do país em relação as construções e relações humanas. Ai, mercê das condições que acabamos de expor, tanto é difícil o encontro de sítios urbanizáveis, (...) como é igualmente difícil a abertura de estradas e sua conveniente conservação. Por outro lado, a região é sujeita aos mais fortes processos de erosão e de movimentos coletivos de solos de todo o território brasileiro, haja vista o caso das catastróficas ações de enxurradas e escorregamentos de solos que freqüentemente – e de modo espasmódico – têm afetado as áreas urbanas de grandes aglomerações humanas brasileiras localizadas em morros ou entre morros. Firms construtoras (...) quando solicitadas a trabalhar na construção de estradas na área da serra do mar e dos mares de morros, tem sido muito infelizes em suas operações, por cause do seu completo desconhecimento das sutilezas do meio físico regional.”

Com relação ao desenvolvimento da Rodovia Presidente Dutra, Luís Pasin, em artigo escrito sobre a valorização histórica e cultura da região disserta:

“Baseando-se na data de fundação das principais indústrias hoje existentes, podemos concluir que o processo de industrialização da região valeparaibana desenvolveu-se em três fases distintas: a primeira iniciada nas duas últimas décadas do século passado; a segunda, abrangendo o período compreendido entre as duas grandes guerras, tendo como pólos principais: Jacareí, São José dos Campos, Taubaté e Guaratinguetá; e a fase atual, a mais dinâmica, iniciada com a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda e com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, criando novos centros de desenvolvimento e tecnologia: São José dos Campos, Jacareí, Caçapava, Cruzeiro, Lorena, Pindamonhangaba.”

Assim, a importância da conservação e desenvolvimento desta rodovia fica clara, na medida em que liga a região com os principais centros econômicos, São Paulo e Rio de Janeiro.

Com relação à importância turística destas rodovias, vale ressaltar que o deslocamento da demanda para o destino devidamente inserido dentro dos padrões de infra-estrutura, tornam a atividade presente ou ausente em um local com potencialidade turística, já que, uma estrada mal cuidada, mal sinalizada e perigosa pode representar a desistência da visita de certo atrativo pelo turista, que poderá optar por outra destinação, pelo simples fato de sentir mais seguro.

5. Turismo e Território

Com relação ao turismo e sua relação com o ambiente no qual está inserido, baseado em Cruz em seu livro “Introdução à Geografia do Turismo”, paisagem é a parte visível do espaço geográfico, e por este motivo é importante na constituição dos lugares turísticos e no direcionamento dos fluxos, portanto, já que a paisagem é tida como representação do atrativo do espaço ao qual está inserido, pode estimular o fluxo de pessoas interessadas em “consumi-la”. Assim do ponto de vista da localidade que está recebendo turistas, nas palavras de Cruz:

“O principal elemento que caracteriza o lugar turístico é o turista. Todo lugar em que houver a presença do turista, ainda que solitário e aventureiro pode ser considerado um lugar apropriado pela prática social do turismo. (...) Por fim cabe

dizer; nenhum lugar turístico tem sentido por si mesmo, ou seja, fora do contexto cultural que promove sua valorização, em dado momento histórico (...).”

Portanto, podemos considerar que o turismo, ao mesmo tempo em que permite a valorização do espaço, também pode deixar características forasteiras no mesmo, começando pelos equipamentos turísticos, como meios de hospedagem, restaurantes e infra-estruturas de lazer, que muitas vezes não possuem características típicas da localidade, além de, não inserir os moradores em sua atividade econômica, trazendo mão de obra adequada aos seus serviços de outras localidades. A contradição do turismo, muitas vezes se torna tão complexa, que considerando o mesmo caso dos equipamentos, a atividade turística também traz melhoria na infra-estrutura básica, assim, privilegiando também a população. Segundo Cruz:

“O que o turismo faz nos núcleos receptores é impor sua lógica de organização dos espaços (a lógica do lazer) as lógicas preexistentes. Daí as transformações que ocorrem no território em função do turismo. (...) O turismo cria novos objetos nos lugares, mas também se apropria de objetos preexistentes, como objetos naturais, e objetos culturais, atribuindo-lhes novos significados e, muitas vezes, novas feições.”

Esta valorização do território pelo turista pode causar uma dificuldade na relação entre moradores e visitante, na medida em que a história do local e a identidade podem ser tão espetacularizados que inibam a população local, como se seu espaço fosse diminuído dentro de seu próprio território. Assim, como a valorização do turismo é dada pelos aspectos históricos e culturais, muitos lugares valorizados por estas características podem não ser mais autêntico, de maneira em que a cultura de uma sociedade não é estagnada e sofre transformações, mas a atividade econômica do turismo sim, pode continuar além da vida deste atrativo.

Podemos contextualizar, que na influencia da mudança cultural para a comunidade residente relacionada ao turismo pode se dar, segundo Cruz:

“Uma das principais motivações das viagens turísticas é a busca pelo exótico, daquilo que, de alguma forma, se diferencia do cotidiano do turista. Como cada um de nós vive em uma porção bastante restrita do espaço geográfico – se comparada á totalidade do espaço do planeta – pode-se concluir que a maior

parte do planeta será sempre exótica para os indivíduos, ou do ponto de vista de suas características naturais ou socioeconômicas e culturais. (...) Nesse momento histórico, temos a valorização de determinados recursos naturais e culturais. Como vivemos hoje em um mundo globalizado (ainda que não sob todos os aspectos) e de gostos tendencialmente massificados, alguns recursos naturais e outros culturais, mais valorizados pela prática social do turismo do que outros são tidos, de forma até estereotipada, como atrativos turísticos.(...) A dinâmica da produção de territórios turísticos (ou seja, da apropriação dos espaços pela prática social do turismo) comporta, com a incorporação de novos espaços, o abandono parcial ou total dos outros pois, entre os fatores que determinam sua valorização, destacam-se os modismos, produzidos pela ação determinante do marketing.”

E ainda, segundo Luchiari (1999): “Vivemos na sociedade da reprodução, valorizando espetáculos e sabores que há muito tempo perderam a autenticidade”.

6. Conclusão: Uma Análise de Aparecida, Campos do Jordão e São Luis do Paraitinga.

O caso de Aparecida demanda um pouco mais de análise, pois o tempo de visita de campo não foi suficiente para uma análise mais profunda, mas, a Basílica em si, parece que foi inserida naquele território, representando uma paisagem completamente diferente da cidade em sua volta. A basílica se mostrou extremamente preparada para receber a atividade turística, tanto em sua infra-estrutura física (com adaptações para deficientes e distribuição do espaço de suas singularidades muito bem planejadas), quanto à sua valorização cultural, já que a cidade é mundialmente conhecida pelos devotos da religião. Porém a cidade em volta não parece ter esta mesma estrutura, com o trânsito urbano aparentemente não tão bem estruturado, o ambiente ao redor estava sujo, com relação ao físico e ao visual, por apresentar ambientes em estado ruim de preservação; ainda mais, que a população em si não utiliza tanto os recursos da basílica, pois, um devoto não necessariamente pode ir a este local para demonstrar a sua fé, considerando que está acostumado ao local e perto de sua casa pode haver uma igreja ou capela que atenda as suas necessidades. Portanto, foi considerado que a basílica representa um aspecto cultural que foi supervalorizado pelo turismo que pode estar cumprindo o seu papel na preservação da tradição, já que a religião representou a fundação da

cidade, mas ao mesmo tempo, este patrimônio pode não representar mais os pensamentos da população da cidade sobre a religião de maneira em que sofreu muita interferência do turismo em sua estrutura, e ao mesmo tempo, estar sendo prejudicada pela falta de investimentos em outros setores econômicos, de infra-estrutura e de outros meios de lazer até para a população local, pois o foco está somente na basílica.

No caso de Campos do Jordão, a cidade pode ser considerada um não-lugar, pois, os planejadores do turismo procuram passar uma imagem de “suíça brasileira” que não pertence a população. Principalmente na arquitetura e nos aspectos paisagísticos e visuais, a cidade parece criada para atender uma demanda de turistas que estava interessada em consumir este produto. A identidade da população é predominantemente caipira, como na maior parte do vale do Paraíba, porém a cidade não apresenta nenhuma característica desta tradição valorizada, porém, praticada cotidianamente pelos seus habitantes. Contudo, a cidade parece estar bem estruturada na questão de infra-estrutura, pois a importância do turismo no lugar passa a ser tão significativa, que o investimento em infra-estrutura básica passou a ser fundamental, beneficiando também a população, além da representatividade desta parcela da economia para a cidade e seus habitantes. Portanto, é questionável até que ponto os habitantes da cidade estão dispostos a assumir sua verdadeira identidade, em troca de uma atividade turística já estabelecida e muito bem estruturada que pode deixar de existir; e até que ponto isto é prejudicial para a comunidade.

A cidade de São Luis do Paraitinga, ao contrario das anteriores, representa uma cidade cuja atividade turística é recente e que sofreu uma supervalorização causada pela mídia atraindo milhares de turistas em um espaço muito pequeno de tempo, que está evitando ilusões econômicas e está efetivamente tentando manter a tradição. Em conversa com moradores da cidade, a intenção, no sentido de planejamento, nunca foi abrir a cidade para o turismo nestas proporções, já que o carnaval (a festa tradicional mais procurada pelos turistas) sempre apresentou estas características e não havia um interesse da população em tornar a tradição atração turística, até que uma importante rede nacional televisiva mostrou em sua programação a tradicional cidade de São Luis, e, a partir deste momento, os habitantes começaram a se preocupar em tentar conciliar a sua tradição, para que seus habitantes continuem a aproveitar sua festividade como sempre fizeram e ao mesmo tempo, não percam a oportunidade de desenvolvimento econômico. A presença da mídia foi questionada por um morador em conversa, pois, atrai para o município turistas nos quais eles não estão

interessados em receber, que depredam o patrimônio e trazem violência, mas sim, procurar uma maneira de divulgar a cidade para as pessoas certa, que realmente se mostram interessadas na tradição.

7. Bibliografia

SERRANO, C. Bruhns H. Luchiari, MTPD. **Olhar contemporâneo sobre o turismo.** Campinas Papyrus, 2000

CRUZ, R. C. A. **A Política do Turismo e Território,** São Paulo, Contexto, 2003.

LUCHIARI, MTDP. **O Lugar no mundo contemporâneo. Turismo e Urbanização.** Ubatuba – Sp. Campinas. Unicamp, 1999, (tese Doutorado em Ciências Sociais), IFCH, 1999, 219.p

RODRIGUES, A. M. **A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental.**

ROSS, Jurandir L. Sanches. (org). – **Geografia do Brasil.** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2005

CRUZ, R. de C. A. da. **Introdução a geografia do turismo.** 2 ed. São Paulo: Roca, 2003. AB'SABER, A. N. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas.** São Paulo, Ateliê Editorial, 2003

SETUBAL, M. A.. **A formação do estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra.** Centro de estudos e pesquisas em educação, cultura e ação comunitária. São Paulo., CENPEC, 2004

TOLEDO, F. S. **Regionalização E Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em: www.valedoparaiba.com. Acesso em 18 de Maio de 2008.

PASIN, J. L. **A Formação Histórica E Cultural Do Vale Do Paraíba** Disponível em: www.valedoparaiba.com. Acesso em 18 de Maio de 2008.

Aparecida:

Site Basílica de Nossa Senhora Aparecida - www.santuarionacional.com. – Acesso em 08 de Maio de 2008

Site Prefeitura Municipal de Aparecida - www.aparecida.sp.gov.br/ - Acesso em 08 de Maio de 2008

Site do COMTUR de Aparecida - <http://www.cidadeaparecida.com.br/> - Acesso em 08 de Maio de 2008

Site sobre turismo na cidade de campos do Jordão-
<http://www.camposdojordao.com.br/index.html> - Acesso em 10 de Maio de 2008.

Site sobre turismo na cidade de campos do Jordão-
<http://www.guiadecamposdojordao.com.br/> - Acesso em 10 de Maio de 2008.

Site da prefeitura municipal de Campos do Jordão-
<http://www.camposdojordao.sp.gov.br/> - Acesso em 10 de Maio de 2008.

Site sobre turismo na cidade de São Luis do Paraitinga - www.paraitinga.com.br/ - Acesso em 09 de Maio de 2008.

Site da Prefeitura Municipal de São Luis do Paraitinga-
www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/ - Acesso em 09 de Maio de 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – www.igbe.gov.br – Acesso em 18 de Maio de 2008

Banco Nacional de Desenvolvimento Social – www.bndes.gov.br - Acesso em 18 de Maio de 2008

Site sobre o Vale do Paraíba - <http://www.valedoparaiba.com/> - Último acesso em 17 de Maio de 2008